

AMÍLCAR CABRAL: CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS EM GUINÉ-BISSAU (1965-1974)¹

Gilson Graciano dos Santos²

RESUMO

Artigo tem por objetivo analisar como Amílcar Cabral pensava a educação e como era o sistema educativo da Guiné Bissau entre os anos de 1965-1973, para sua elaboração, trabalhamos a partir dos levantamentos bibliográficos sobre a temática. Analisamos documentos oficiais do sistema educacional a partir da época pré-colonial e até dias atuais: jornais e documentos monográficos. Nele está dividido em três subtema, primeiro discuti-se sistema educativo pré-colonial e colonial. Educação pré-colonial era praticada de por geração mais velha para mais nova, onde serão ensinados costumes, crenças, cultivos, entre outros, na educação colonial o ensinamento parte-se do principio europeia em particular portuguesa, onde era ensinada a história, geografia, literatura. Segundo trata-se de práxis educativa de Amílcar Cabral e terceira, descrever homem novo no sistema educativo de Guiné-Bissau, onde a educação deveria sair do tipo português, para realidade guineense, onde as nossas crianças deveriam ser ensinadas, as nossas culturas e africanas também por ultimo apresentam a idéia de Cabral sobre criação da escola piloto no subúrbio da Guiné-Konakry e as escolas nas zonas libertadas, com objetivo de formar os quadros que iriam assumir o país. Durante elaboração encontramos resultados, sobre que o Amilcar Cabral pensava para educação da Guiné-Bissau e o seu Partido, Cabral conseguia criar as escolas nas zonas libertadas, garantia educação e formação dos seus povos.

Palavras-chaves: Cabral, Amílcar, 1921-1973 - Crítica e interpretação. Educação e Estado - Guiné-Bissau. Guiné-Bissau - História - 1965-1974.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze how Amílcar Cabral thought about education and what the educational system of Guinea Bissau was like between 1965-1973, for its elaboration, we work from the bibliographical surveys on the theme. We analyze official documents of the educational system from the pre-colonial times and even today: newspapers and monographic documents. It is divided into three sub-themes, first a pre-colonial and colonial educational system. Pre-colonial education was practiced from older to younger generation, where customs, beliefs, cultivations, among others, will be taught. In colonial education, teaching is based on the European principle, particularly Portuguese, where history, geography, literature. According to the educational praxis of Amílcar Cabral and third, to describe a new man in the educational system of Guinea-Bissau, where education should leave the Portuguese type, for Guinean reality, where our children should be taught, our cultures and Africans also lastly they present Cabral's idea of creating a pilot school in the suburb of Guinea-Konakry and schools in the liberated areas, with the aim of forming the staff that would take over the country. During elaboration we find results, about which Amilcar Cabral thought for education of Guinea-Bissau and his Party, Cabral managed to create schools in the liberated areas, guaranteeing education and training of its people.

Keywords: Cabral, Amílcar, 1921-1973 - Criticism and interpretation. Education and State - Guinea-Bissau. Guinea-Bissau - History - 1965-1974.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

² Licenciando em Pedagogia pela UNILAB. Possui graduação em Humanidades pela mesma universidade e é mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende tratar Amílcar Cabral e as concepções educacionais em Guiné-Bissau. Cabral era um agrônomo não especialista da educação, mas, ele pensou a educação como prioridade após a luta da libertação, afim do desenvolvimento e na construção da pátria, que é tarefa complexa. Também ele entende educação como alicerce da luta armada binacional³, de certo modo, priorizou a educação para as crianças, que lhe serviu como arma da construção da nação autônoma.

Cabral é pai das independências da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Nasceu em Guiné-Bissau, na região de Bafatá, no dia 12 de Setembro de 1924. Em 1932, muda-se com a família para Cabo Verde, na Ilha de Santiago, onde faz os estudos primários. Mais tarde estabelece-se no Mindelo, São Vicente, onde completa o Liceu, em 1943, regressando posteriormente para Santiago, onde trabalha na Imprensa Nacional. “O seu percurso escolar é a tal ponto exemplar que o governo português lhe concede uma bolsa de estudos universitários. É essa bolsa que o traz à então capital do Império, mais especificamente ao Instituto Superior de Agronomia (ISA). Nos primeiros anos em Portugal, frequenta a Casa de Estudantes do Império, construída em 1944, com o objetivo de albergar os estudantes oriundos dos territórios coloniais”. (JOSÉ, 2017. P.334).

A primeira escola que Cabral pensou é a denominada escola Piloto. Essa escola foi criada após o congresso de Cassacá em 1964 na República da Guiné Conacri, país vizinho da Guiné-Bissau. Era uma escola pensada pelo Cabral, com objetivo de formar os quadros que iriam conduzir o desenvolvimento da Guiné-Bissau e Cabo-Verde no futuro, ou seja, quando estes países conquistassem independência.

Para Cabral a sociedade libertada, tem que retomar a sua própria cultura, ou seja, costumes, crenças, religiões, política e economia e, para que fosse atingido este objetivo, a educação tem um papel fundamental. Portanto, para ele, a “educação era a principal arma para o desenvolvimento” (LOPES, 2015). Ademais, ele acrescenta que “hoje educação visa o objetivo plena do Homem, sem distinção de raça ou de origens, como ser consciente e inteligente, útil e progressivo, integrado no mundo e no seu meio geográfico, econômico e social, sem sujeição.”

³ Luta armada de dois países (Guiné-Bissau e Cabo-Verde).

2 ENSINO COLONIAL PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU

A educação portuguesa colonial em Guiné-Bissau começou-se no século XVII com a chegada da missão católica, com objetivo de assimilar povos africanos, quer dizer, fazer com que eles se tornassem homens europeu (Freire, Apud, Cá, 2010.p.7). O mesmo acontecia na Guiné-Bissau, porque faz parte do continente africana, portanto sua história é semelhante à dos outros países africanos, inclusive, os países africanos de língua oficial portuguesa, como é caso de Angola, Cabo-Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, onde, essa missão católica era instrumento de civilização e da influência educacional. A igreja estabelece, por assim dizer, alguns requisitos para os donos da terra, para serem civilizados, primeiro eles têm de saber ler e escrever bem português. Porém, essa estratégia política portuguesa é para romper os costumes, as crenças, as línguas africanas. A cultura europeia é colocada como modelo africano. Como sustenta Ocuni Cá (2000):

Com a dominação colonialista na Guiné, a cultura europeia cristã ocidental tentava penetrar na população por meio dos missionários, conforme os princípios de assimilação. A condição necessária para ter um cartão de identidade era saber ler em português e comportar-se como um civilizado. O crioulo, língua veicular do povo guineense era proibida nas escolas e desprezada pelos portugueses. (2000; P.7).

Este ensino português começava, no século VII quando o padre jesuíta Antônio Vieira estava a viajar para o Brasil, e depois se acabou por instalar no território cabo-verdiano; de lá ele percebeu que na Guiné-Bissau não tinha nenhum laço ligado à religião católica. Na época a Guiné Bissau⁴ era província de Cabo-Verde (Cá, apud, Tchuda,2017, p.19). O interesse era para levar homens africanos para Europa, por tanto, invocaram o nome de Deus como justifica para tira-lo das suas terras, “levar Deus ao Homem não-civilizados foi à justificativa à consciência europeia para o que iriam fazer na África” (CÁ, 2000, P. 3).

Antes da invasão portuguesa, o modelo educativo guineense se baseia na tradição e na preservação cultural, através dos quais era, ensinados valores culturais de maneira espontânea, onde sempre os mais velhos passam conhecimento para o mais novo através da oralidade. Não existia forma e nem padrão para disseminar este conhecimento, não haviam instituições escolares formais, tampouco os/as professores/as para lecionar, mas sim, as famílias e as sociedades que cuidavam da educação. De acordo com Ocuni Cá:

⁴ De 1550 até 1879 a Guiné era província de Cabo Verde, e os dois territórios eram administrados por um único governador nomeado pelo governo de Portugal.

Como podemos perceber, antes da dominação colonial, na sociedade africana tradicional, não havia instituição escolar tal como existe hoje. Porém, a educação consistia e na aquisição de certos conhecimentos e normas de comportamento como em qualquer sociedade. Pela sua participação na vida do grupo familiar e da comunidade integrando senos trabalhos de campos, escutando histórias dos velhos e assistindo às cerimônias conjuntas as crianças e os jovens adquiriam paulatinamente, ao longo dos anos, os conhecimentos necessários à sua integração na comunidade. Aprendiam as habilidades de produção e como sobreviver, adotando as regras de comportamento e os valores imprescindíveis à vida. (2000, P.5).

Os europeus ignoravam, desconsideravam e desprezavam os sistemas educativos africanos, que se baseiam na oralidade. Eles achavam que o sistema educativo africano é fraco, portanto deveriam adotar o sistema civilizatório de modelo europeu, por este motivos eles não consideravam a educação transmitida através da oralidade. Para eles não tinha importância porque não segue o padrão europeu, mas para os africanos tem grande importância, pois é através da oralidade que os “adultos socializavam os mais jovens e transmitiam-lhes os saberes necessários à vida quotidiana, os comportamentos sociais e as ciências tradicionais ou os comportamentos religiosos”. (M’bokolo, apud, Borge, 2008, p.23).

Para implementação do ensino colonial, a igreja católica teve grande desempenho, ou seja, ela servia como ponte de ligação ao colonialismo europeu, no caso de Portugal com a Guiné-Bissau. No entanto, para um cidadão autóctone ser considerado português uma das características seria o de converter-se ao catolicismo; da melhor forma, ela tem de deixar seus costumes, para integrar-se ao mundo europeu. Através da igreja católica poderia vir a graça, que para eles os africanos têm que ser aculturados e serem considerados humanos. Assim disse Dabana Namone:

A estratégia adotada e o discurso usado pelos colonizadores para expandir a sua dominação eram simplesmente o de que pretendiam evangelizar os africanos, ou seja, trazer “Deus” para eles. Assim, para o senso comum europeu, os africanos acreditavam em feitiçarias e demais crenças próprias de uma mentalidade primitiva. E, por isso, eles deveriam submeter-se à “civilização”, através da evangelização (NAMONE, 2014, p.39).

Os colonizadores consideravam o continente africano como continente sem história, sem cultura, portanto, tudo deveria começar com as suas presenças nas terras africanas para invocar nome de Deus e também serão transmitir os seus saberes como, cultura, religião, língua, hábitos, geografia, até mesma a história dos povos europeus. Para Lopes (2012):

Foi Hegel quem melhor sintetizou, no pensamento filosófico, proclamar que a África era incapaz de produzir História aliava-se a visão de que a civilização veio da escrita e a reivindicação do Egito como não Africano, ou negro, e do Mediterrâneo como berço de um mundo iluminado apenas por europeus (p. 34).

De acordo com Cá (2008), o ensino das populações africanas foi deixado inteiramente às missões religiosas, sendo as católicas (90%) pagas pelo governo português. Esse ensino caracterizava-se basicamente pelo papel que lhe era imposto pelas diretivas oficiais: fazer do africano um português, levando-o a esquecer todas as tradições culturais. (Cá, Apud, Cabral; ANDRADE, 2008, p.221). Essa educação articulava-se em torno de três dimensões: a formação colonial na metrópole, a educação do colono, ou do assimilado. Em África e o ensino do indígena.

Essa era a realidade que os africanos viviam na época colonial, de tirá-los nas suas zonas de consolo para outra que está longe das suas vivências quotidianas. A partir dos primeiros contatos dos europeus com os nativos, no que refere a educação, pode-se perceber que a educação que os europeus davam aos africanos não era eficaz. Essa educação ou ensinamento não tinha nada que lhes representasse no que se refere as realidades africanas. Os colonizadores não vieram somente para propagar religião católica, mas sim, para roubar que eles haviam encontrado nas terras africanas e usar as ideologias políticas. Portanto percebe-se que os colonizadores não queriam formar pessoas críticos, mas sim, as pessoas que iriam dar continuidade a hegemonia portuguesa, em conformidade com NAMONE:

Essa e outras ideias são provas de que o sistema educacional colonial tinha seu objetivo bem definido que não era o de criar uma *intelligentsia* africana ou de formar doutores, como bem frisa o cardeal, mas sim transformar os africanos psicossocialmente em seres humanos mais dóceis. A intenção era reforçar e dar continuidade à dominação, visando atender os fins econômicos da metrópole (NAMONE, 2014, p. 38).

Os colonizadores sempre levaram seus interesses em primeiro lugar para dominar os africanos. Eles nunca preocuparam-se com a formação cívica dos africanos, para eles os africanos deveriam ser formados para trabalhos braçais e não deveriam receber formação cívica e crítica ao sistema imposto pela metrópole, visto que a escolarização, nunca foi preocupação do regime colonial.

Para eles os negros africanos não possuíam capacidades intelectuais mercê de uma educação. Os negros deveriam servir para o trabalho que exigia a força física. Durante este período da colonização, “o colonizador dominava a ideia que os colonizados não têm capacidade mínima intelectual, portanto eram destinados ao ensino práticos de algumas atividades.” (Kebanguilako, 2013, p. 3),

A escola, para além de transmitir conhecimentos e promover o treino em determinadas técnicas, têm também como função participar na socialização do indivíduo

através da transmissão de hábitos, atitudes, normas e valores e prepará-lo para a vida nas mais diferentes áreas: cultural, social, política, física e individual, desde já que a missão escolar pauta por essas vias, visto que a missão escola colonial marginizou-se a educação africana, por seguinte forma, não há valorações humanas, cívicas e culturais, podemos imaginar uma sociedade sem estudo voltado a sua realidade, como pode estruturar-se socialmente, se não assimilar o modelos que foram impostos, como no caso da sociedade africana, que na época colonial foram mutilados dos seus curriculares escolar, para um novo, que resulta destruturação social e política educacional. A educação colonial torna-se um modelo de manipulação e de transmissão de uma ideologia colonizada.

A educação portuguesa nos territórios colonizados teve como objetivo assegurar a socialização de uma ideologia colonial-nacionalista, considerada pelo regime como um dos pilares fundamentais do império, garantir a sua continuidade como Nação Colonizadora e difundir o mais possível os valores portugueses. (p. 23)

CÁ (2005), o artigo N° 2 do Ato Colonial de 1930, define o objetivo do ensino da população indígena, dominar e civilizar os indígenas para se tornarem cidadãos portugueses e eles têm que trabalhar e servir a sociedade portuguesa como está estabelecido no estatuto. (2005 apud Tchuda, 2017). Com educação colonial e até na atualidade, sempre os dominantes fazem tudo para deixar as suas marcas, não passa daquilo que os europeus faziam com os africanos.

Para Paulo Ferreira (1981), Educação Colonial não teve por objetivo abranger um grande número de africanos, só atingindo significativamente a reduzida população dos centros urbanos. As zonas rurais só foram atingidas pela atividade educativa das missões religiosas, que se limitavam praticamente a ensinar religião, principalmente a católica. (Ferreira, 1981, P.33). Com passado tempo a missão católica encerrou as influencia no campo educativo por três anos, deixou-a pela missão laica, a nova cara da educação tem por objetivo de complementar educação formal com formação profissional, mas de acordo com decreto nº12. 336, do ministro colonial da ditadura, a missa católica volta atuar e influenciar. (Cá, 2004, p.33). Como foi abordada em cima, educação colonial não corresponde às necessidades socioeconômicas e político, dois países africanas, pois, estava distante da realidade comunitária, ela também não dá acesso a formação científica da maioria da constituinte dessa sociedade, ou seja, os que mais tinham facilidade de frequentar a escola na época colônia são assimilados.

À estrutura educacional montada pelos portugueses não foi criada para os guineenses terem acesso. Quando muito 1% de toda população contentar-se em possuir alguma educação elementar; só 0,3% tinha chegado à situação de assimilado e até 1960 apenas 11 guineenses haviam atingindo uma licenciatura universitária e todos eles como portugueses assimilados, em Portugal” (DAVIDSON, 1975 apud, CÁ, 2004, p. 45).

Para isso, verifica-se que num universo maioria populacional, somente 11 guineenses que têm ensino superior. Para atingir esse grau seria necessário aceitar as condições impostas pelos portugueses, de falar bem a língua portuguesa, (português padrão), de vestir com portugueses, ser católico, escrever bem a língua portuguesa, de deixar as suas raízes e aceitar aculturação portuguesa, através deste e as demais condições impostas, portanto, são essas razões que lhes dão a facilidade para obter o grau do ensino superior. Isso demonstra quanto o regime colônia portuguesa, não se preocupa com formação do cidadão guineense.

A missão civilizadora - princípio orientador da ação educativa do regime colonial - tinha como meta fundamental a des-africanização da mente do homem colonizado e sua integração na “civilização” ocidental européia mediante a assimilação e apropriação da cultura dominante. (Tavares, 2004, p.110).

Ngũgĩ wa Thiong’o (2017), ressalta-se que a escola colonial, juntamente com as missões, cumpria com um papel central no processo de controle e ordenamento das sociedades sob domínio europeu, porém, os modelos de escola colonial variavam de acordo com a metrópole e do país.

Então para, Paulo Freire “a escola colonial é, antidemocrática nos seus objetivos, no seu conteúdo, nos seus métodos, divorciada da realidade do país, era, por isso mesmo, uma escola de poucos, para poucos e contra as grandes maiorias.” (FREIRE, 1978, s.n).

3 PRÁXIS EDUCATIVA DE AMÍLCAR CABRAL

Cabral sempre lutou para sociedade libertadora e digna para construção de uma nação livre economicamente, socialmente, politicamente e também do “progresso e da justiça social, para cuja construção concorre, de forma decisiva, a educação e a formação” (VARELA, 2011. P2).

Na plena luta de libertação ele insistia e acreditava em formar os camaradas, que irão dar a continuidade e na organização da nossa sociedade, portanto para termos uma sociedade livre precisamos ter homens formados. Durante a luta Cabral preocupava em mobilização do

resto da população para mandar estudar, para este efeito criou-se escola piloto na Guiné-Konakry, onde mandava jovens para formação intensiva de um mês ou dois meses, com um dos objetivos de mobilizar o povo para luta. De acordo com Bartolomeu Varela:

O próprio Amílcar refere-se a uma das suas primeiras iniciativas de formação dos militantes que foi a criação, em Conakry, em 1960, ainda que em “condições miseráveis”, de “uma escola política” para onde foram enviados, em primeiro lugar, os militantes das cidades, mas depois os camponeses e os jovens mobilizados, aos quais era ministrada uma “formação intensiva, durante um ou dois meses, “para os preparar politicamente e para que fossem treinados e soubessem mobilizar o povo para a luta” (apud Cabral, 2011.P. 3.)

A decisão para criação da escola político foi tomado no congresso de Cassacá de 1964, com objetivo de receber os órfãos e filhos dos combatentes com a força voltada ao “Homem Novo”. Nesta mesma escola ensinavam português, Frances e inglês, como forma de ajudar os alunos mais avançados ou aqueles que conseguiram bolsas do estudo no estrangeiro, mais também, os professores da escola piloto elaboravam manuais da Geografia, História da Guiné e Cabo-Verde lhe davam os alunos que iam estudar no estrangeiro, lembrando que esses alunos são aqueles que terminaram 6 classes.

Cabral sempre optou para formação do “Homem Novo”, que assumirá a pátria posteriormente “se eu pudesse, fazia uma luta ó com livros, sem arma”. Para Cabral é mais importante formar quadros em vez de lutar, como ele dizia “era melhor maneira de preparar os quadros para futuro.”⁵, educação para ele, era uma garantia do sucesso de luta de libertação, por isso, ele não se limitou somente em promover “formação militar, acadêmica e cultural de quadro”, mas sim ela dava seminários de quadros, através diversos textos da sua autoria. (VARELA, p.2. 2012). Também ele recomendava criação de bibliotecas nas zonas libertadas, emprestar aos outros livros, ajudar os outros aprenderem ler livros, jornais e compreender aquilo que se lê fazer interpretação do que leu e discuti-los com os outros.

Freire (2008), Amílcar me parece que na verdade, foi um pedagogo da revolução, quer dizer, ele teve e encarnou perfeitamente o sonho de libertação de seu povo e os procedimentos políticos pedagógicos, para a realização desse sonho (p.5, 2008). Para Cabral não adianta lutar sem ter quadros formados, por isso Cabral pediu-se no total de duzentos camaradas para retirar-se da guerra com objetivo de formação. Segundo Freire, numa entrevista como um “moço”, como ele referiu no texto, o moço disse que o Cabral dizia:

⁵ Acesso no dia 30.06.19 em: <https://www.dw.com/pt-002/lilica-boal-a-eterna-diretora-da-escola-piloto-do-paigc/a-17678843>, disponível: 17.10.2014.

E o que acontece é que daqui a cinco anos por aí, seis, quando essa geração que está aí juvenzinha, chegar ao momento da luta definitiva, vai precisar de instrumentos de guerra, que não são os que vocês estão usando, mas instrumentos de guerra que vão exigir conhecimento matemático que vocês não tiveram e nem têm, são acontecimentos científicos de que a geração outra vai precisara-a disse ele: “E o que nós precisamos no momento é exatamente levar duzentos de vocês, para serem formados no sentido de voltar a formar cá”. O moço me olha e me diz: “Camarada Paulo, eu fui então para Conacri. Confesso ao senhor que eu fui sem entender muito, mas fui. Estudei, capacitei-me e voltei. Formei quadros aqui que eram realmente os quadros da geração que tinha que ganhar, e vi alunos que estudaram comigo derrubando aviões tucas, com foguetes, esses foguetes soviéticos (FREIRE, p.10.2008).

A visão que o Cabral tinha, era para prepara caminho, ou seja, libertar o país e garantir educação para nova geração, que posteriormente não pegar a arma para lutar, mas sim, vou segurar nas canetas, na leitura para desafios posteriores, mas o Cabral também não descartou conhecimento não “informa”, ele conhecimento que adquirimos dia pós dia, em casas, na sociedade, como ele dizia “Aprender na vida, aprender junto do nosso povo, aprender nos livros e nas experiências dos outros. Aprender sempre”. (CABRAL, apud, VARELA, p.5.2012).

Cabral sempre chamava atenção no que se toca, a questão da cultural, para ensinar devemos levar em considerações toda as nossas realidade culturas, para ensinar não devemos pautar de um olhar estático, mas sim de diversos olhares, por tanto necessidade de melhorar o conhecimento, através da educação e da formação, preconizando um conjunto de medidas de política que, além da criação de escolas e cursos de alfabetização e da formação de quadros, incluíam a promoção da qualidade do ensino, assim como a valorização da cultura e das manifestações culturais (Ibid.,p7), criação das escolas de acordo com possibilidades reais, para evitar possíveis fechos. No que toca como alfabetização, Cabral disse, o seguinte: “todos os sabem devem ensinar os que não sabem”. A ação educativa não pode ficar sob a responsabilidade total de professores (as), mas que devida em parcelas: em família que deve acompanhar a trajetória das crianças e não obrigá-lo fazer trabalho implorativo. Devemos cuidar das nossas crianças, “devemos dar melhor, devemos educá-las para se levantarem com o espírito aberto” e “as crianças são a razão da nossa luta e as flores da nossa revolução”. Ele demonstra quanto os camaradas deveriam tratar dos às crianças e protegê-las dos perigos, da luta de libertação. (ibid, p.10).

4 HOMEM NOVO NO SISTEMA EDUCATIVO DE GUINÉ-BISSAU

Na Terceira parte do artigo vai trabalhar este pensamento do “Homem novo” na educação da Guiné-Bissau, como foi proferido pelo seu líder Amílcar Cabral, que sempre pensou neste Homem novo, portanto, pensar este Homem, na educação, é trabalhar com africanização nos currículos escolares africanos, ou seja, educação africana e não educação para os africanos, como foi desenvolvida na época colonial. Porém, a escola tem grande papel na formação de uma sociedade, ela serve na difusão da cultura, na preparação dos jovens como futuro alicerce do país. Em conformidade com BORGES:

As instituições escolares, para além de transmitir conhecimentos e promover o treino em determinadas técnicas, têm também como função participar na socialização do indivíduo através da transmissão de hábitos, atitudes, normas e valores (religiosos, políticos, sociais, ideológicos, morais, etc.) e prepará-lo para a vida nas mais diferentes áreas: cultural, social, política, física e individual. (BORGES, 2008, p.22)

A escola tem grande papel na formação de uma sociedade, ela serve ela serve na difusão da cultura, na preparação dos jovens como futuro alicerce do país. Desde já que escola tem esse papel de prover socialização, ao mesmo tempo, também serve para orientações de segundo passos dos indivíduo, e com isso podemos dizer que cada indivíduo possui a educação familiar em casa o, e, sobretudo antes de entrar nas escolas, embora isso não é o motivo suficiente para tirar a importância a educação escolar na formação cívica do indivíduo. Em conformidade com Thiong’o: “a escola assume, nesse contexto, a responsabilidade de colonizar os nomes e as paisagens mentais, mudando o eixo de representação da realidade local, para uma eurocêntrica. Interferindo na percepção das pessoas sobre elas mesmas e o mundo”. (Gustavo, apud, Thiong’o, 2017)

Nesta linha, que alguns líderes africanos pensaram nos nossos currículos do “Homem novo”. Ora, demonstra que a luta interna e pan-africanista se constituía também em objetivo de outros partidos e de outras lideranças africanas. Como Helena André trouxe na sua tese, uma parte da entrevista do Agostinho Neto, feita em 10 de Novembro de 1975, onde levou em consideração uso das línguas nacionais como línguas do ensino, no caso de Angola, ele disse que “O uso exclusivo da língua portuguesa como língua oficial, veicular e utilizável na nossa literatura não resolve os nossos problemas. E no ensino primário, como provavelmente no médio, será preciso utilizar as nossas línguas” (ANDRÉ, 2010, p.40), portanto, trabalhar as nossas línguas nas salas de aulas com as crianças, é de suma importância, visto que ajuda na

integração, na compreensão, na compreensão e também nos desempenhar dos alunos. Thiong'o citado por Gustavo Brito do Jornal opção ⁶:

A língua da educação escolar de uma criança africana era estrangeira. A língua dos livros que ele lia era estrangeira. A língua de sua conceituação era estrangeira. O pensamento, dele, tomou uma forma visível de uma língua estrangeira. Assim como a língua escrita de uma criança educada na escola (mesmo a língua falada na escola do vilarejo) se separou da linguagem falada em casa. Não havia nem a mínima relação entre o mundo da escrita da criança, que também é linguagem de seu quadro letivo, e o mundo de sua relação com a família e o ambiente. Para uma criança colonial, a harmonia que existe entre os três aspectos da linguagem como comunicação foi irrevogavelmente quebrada. Resultando assim na dissociação da sensibilidade da criança com seu ambiente natural e social, o que se pode chamar de alienação colonial. A alienação se reforçou nos ensinamentos de história, geografia, música na qual a burguesia europeia era sempre o centro do universo

É muito preocupante e desastroso, em minha opinião, trabalhar somente numa língua estrangeira, num país onde a maioria da população não tem essa língua como a língua primeira, mas sim, como a língua adicional, como no caso da Guiné-Bissau, onde a sociedade guineense é constituída por diversos grupos sócias, como podemos constatar na pesquisa de Etoal Mendes (2018), para este pesquisador, atualmente cerca de 25 grupos étnicos correspondem em igualdade ao número de línguas faladas no território guineense e todas elas já existiam antes da chegada dos Europeus. Ainda numa citação feita por Mende, mostra que na Guiné-Bissau:

O censo de 1979 indica o kriol falado como língua primeira de 15% da população e 44,3% como língua segunda; esta percentagem aumentou rapidamente no período de quinze anos, as cifras oscilam de 50% (censo de 1994) a 90%, o que indica um aumento acentuado do uso desse idioma (Mende, apud, Guiné-Bissau, 2018, p.56).

Como o Kriol é língua mais falada em todo território guineense, portanto ele pode servir o ensino na educação escolar, assim entende-se que o kriol faz parte desta construção do “Homem novo”, ensinar na língua Kriol, ajuda na afirmação da nossa identidade, é justamente nessa linha de raciocínio que o Paulo Freire também pensa a alfabetização dos guineenses em língua Kriol:

Para ele, a escolha do crioulo como língua oficial e nacional representaria a possibilidade de criar uma sociedade nova. “Para Paulo Freire, não era possível reafricanizar o povo, utilizando o meio que os des africanizou; ele entendia que o uso

⁶ Acesso dia 23 de Junho de 2019 em https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/leitura-de-autores-como-o-queniano-thiongo-ajudam-descolonizar-nossa-visao-eurocentrica-96372/?fbclid=IwAR0iIh7oEqdzLyvWDDZHmsBeH_9vWclWTL0JGzSm5b6hp6gF7MMIXGW2gIU inserido no dia 3 de junho de 2017.

da língua portuguesa não era neutro, pois a língua reproduzia valores colonialistas. (Gadotti, 2012, p.68-69).

A língua Kriol além de servir como língua do ensino, ela já desempenhou grande papel durante toda luta de libertação, conforme destaca Etoal Mende ainda disse que no “sentido pedagógico do kriol, a meu ver, ultrapassou o espaço escolar. Os órgãos de comunicação nacionais emitem a maioria dos seus programas em kriol – como é no caso da literatura e da música popular guineense expressa em kriol” (MENDE, 2018, p.80).

A língua é principal motor, ou seja, é o coração do desenvolvimento cultura, através dela que cada povo se expressa, se comunica, se transmite os saberes, se mantêm as suas culturas, portanto, é importante aos africanos sejam alfabetizados na suas línguas maternas, assim referiu Donaldo Macedo, citado por Gadotti, ele anda acrescenta o seguinte : “ uso da língua dos alunos deve ser utilizada nos programas de alfabetização se quiser que a alfabetização seja parte importante de uma pedagogia emancipadora”. (Gadotti apud Macedo, 2012,69).

Do mesmo modo, foi discutido na conferência realizada no Brasil, no estado de Belém em Dezembro de 2009, onde os delegados africanos destacaram como positivo, o uso das línguas locais no processo de alfabetização, mas que ainda existe poucas matérias didáticas e apoio a iniciativa desse dito. Mas antes desta conferencia realizada em 2009, em 2008 havia:

O Pronunciamento Africano sobre o Poder da Educação de Jovens e Adultos para o Desenvolvimento da África, resultado final da Conferência Preparatória à Confinte VI, realizada em Nairobi, de 5 a 7 de Novembro de 2008, destaca que nos países africanos, o papel das línguas maternas como meios eficientes de comunicação, administração e aprendizagem não são bem explorados e são frequentemente negligenciados. Poucos países têm promovido as línguas maternas por meio de políticas ou pela oferta de recursos educacionais, tais como materiais de leitura e escrita (incluindo linguagem de sinais e Braile) que constituem fator essencial em alfabetização sustentável, numeração e cultura de aprendizagem ao longo da vida. Há um esforço limitado para usar todos os sistemas escritos disponíveis para as comunidades. Torna-se muito difícil promover uma cultura de leitura e escrita sem ambientes letrados. (Gadotti apud UNESCO, 2012, p. 81-82).

Para libertamos dos colonizadores, não precisamos de serem ensinado nas línguas dos colonizadores, não precisamos de praticar a mesma crença religiosa, muito embora somos obrigados aceitar condições impostos pela parte dos colonizadores, educação eurocêntrica feita através da igreja católica, que Cabral apelou de “racismo cristianizado ou cristã”. Um exemplo bem explicita dado por Gadotti, (2012) “Quando uma criança não conseguia pedir comida na língua portuguesa, ela não recebia comida. Era uma forma violenta de impor a

língua e a cultura do dominador”, neste caso entendemos entraves que uma língua pode trazer dentro de numa sociedade que não sabe falar, mas que é obrigado estudá-la. Isso mostra tanto quanto que a língua tem poder, por isso que é importante alfabetizar na língua local, portanto, “quando um país possui diversas línguas, diversas culturas devem-se valorizá-las em seu conjunto ao promover uma unidade cultural nacional. A diversidade cultural é uma grande riqueza”. (Gadotti, 2012, p.77).

Woodson (2018) vai dizendo que “os brancos devem perceber que são apenas humanos, não superiores. O mesmo deve acontecer com os negros, que são humanos não inferiores” (Woodson, 2018,19). Com isso, o Woodson quer nos dizer que não existe raça humana superior nem inferior, por isso, os negros não podem sentir-se inferiores, muito embora fossem instruídos de distanciar das suas realidades culturais.

Por outro lado, Cabral sempre pensava cultura como forma de educação e da união. Cabral “valorizava a cultura, como o papel da teoria, dos intelectuais e da sociedade civil, na transformação social.” (Gadotti apud Gramsci, 2012, 84). Deste modo, Cabral ainda propõe que “o primeiro ato de cultura que devemos fazer na nossa terra é o seguinte: unidade do nosso povo, necessidade de lutar e desenvolver em cada um de nós uma idéia nova que é o patriotismo, o amor pela nossa terra, como uma coisa só”, podemos considerar a fala de Cabral como sendo um desafio lançado, por cada integrante da sociedade guineense e assim como para sociedade africana. A cultura que fala é assumirmos as nossas produções literárias como forma de acabar com imaginário congelado sobre o continente africano, dos escravos, de fome, imagem da guerra e da miséria, o continente africano vai muito além deste imaginário deixado por colonizadores, mas se optamos na produção literária na nossa língua, é uma da forma também de formar o “Homem Novo”.

Criar meios e condições para ensinar as nossas crianças a História, Geografia, literatura africanas e locais, se assim sendo, podemos libertar das condições imposto por colonizadores, que até hoje se encontra no nosso currículo, muitas crianças não conseguem desenvolver as suas capacidade intelectuais tendo em conto o obstáculo da língua estrangeira, mas que até hoje não houve mudança no nosso ensino guineense, aqui entra afirmação feita de Woodson (2018), afirma que “quando você controla o pensamento de um homem, você não precisa se preocupar com suas ações” (Woodson, 2018. P.22).

A verdade é que no programa curricular não conseguimos libertar do ensino deixado pelos portugueses, e esse fato é notório até nos dias atuais na Guiné-Bissau que, E isto nos levou ao questionarmos o porquê de não ensino, dessas disciplinas no contexto do bilinguismo ou multilíngue programas curriculares guineense, mas tudo inda falta de vontade

política de criar currículo que integra fator lingüista no ensino, prova de tudo acontece nos 1994 com CEEF que segundo Mende (2018) “O Projeto dos CEEF não teve o apoio total das autoridades na época e acabou por extinguir-se em 1994, tendo como motivo oficial a Falta de financiamento”, Mende ainda ressalta que o problema do educacional da Guiné-Bissau se encontra no ensino da língua:

O epicentro do problema educacional na Guiné-Bissau é o ensino em língua portuguesa, que nem é a língua primeira ou segunda da maioria das crianças em idade escolar, principalmente nas zonas suburbanas e rurais do país. As crianças no primeiro ano de escolaridade chegam à escola e começam a ter o contato direto com a língua portuguesa ouvindo as primeiras palavras como algo que devem aprender. Provavelmente isso faz com que tenham dificuldades enormes no aprendizado, não só do português como também na comunicação das suas dúvidas ao professor. Os alunos das escolas onde foi feita a pesquisa falam kriol abertamente entre si e com os professores. (MENDE, 2018, P.111).

Nos dias atuais ainda, podemos ainda deparar com isso em várias escolas tanto nas zonas urbanas, tanto quanto nas zonas rurais, a criança sempre começa a comunicar na língua Kriol, sem preparação na língua portuguesa que a família também não tem habito de falar, e com isso nos seus primeiros dias das aulas a criança ao entrar com contato da língua portuguesa depara com grande dificuldade tanto na comunicação quanto no ensino-aprendizagem. Mesmo nas escolas e na sala de aulas o certo seria as crianças se comunicassem mais na língua Kriol entre eles, por serem acostumado e sintam-se mais à-vontade e livre em termos de comunicação, se autoridade guineense investisse no ensino bilíngue ajudaria bastante na alfabetização e na redução de número da evasão escolar. Consoante como Mende:

Os alunos das escolas de ensino bilíngüe entrevistados foram genéricos em declarar que entendem mais rápido os conteúdos em kriol. O aluno GJC contou “*ami n’mas ta pircibi splicason di pursor na kriol*” [eu percebo mais rápido a explicação do professor em kriol]. O aluno que não compreende não participa da aula com toda a autonomia, personalidade e percepção não dialogam com o professor, salienta o professor AG. No universo de dez alunos entrevistados, apenas dois responderam que percebem melhor a explicação do professor em português. (MENDE, 2018, P.105).

Paulo Freira na sua obra cartas à Guiné-Bissau demonstra a sua grande preocupação com o currículo guineense, que segundo ele:

Fazia-se necessário que os estudantes guineenses estudassem, prioritariamente, sua geografia e não a de Portugal, que estudassem seus braços de mar, seu clima e não o Rio Tejo. Era preciso que os estudantes guineenses estudassem, prioritariamente, sua história, a história da resistência de seu povo ao invasor, a da luta por sua

libertação que lhe devolveu o direito de fazer sua história, e não a história dos reis de Portugal e das intrigas da Corte. (FREIRE,1978, SN).

O que pode entender aqui, não faz sentido de lutar para uma sociedade livre e continuarmos com os mesmos procedimentos educacionais deixado para os invasores, que não têm intenção de formar os homens para depois assumiram a liderança do próprio país. Por lado, o Partido libertador PAIGC juntos aos seus camaradas em particular ao seu líder Amílcar Cabral, em 1963-1973 conseguiram criar escolas nas zonas libertadas para os seus militantes, os alunos que saíram melhor conseguiam bolsa do estudo nos países que a Guiné-Bissau tinha cooperação, deste modo, aprestamos os dados que o Freire trouxe, numa citação da Luiza Teotônio Pereira e Luís Motta⁷, segundo eles:

No ano letivo de 1971 - 1972 o PA IGC tinha nas zonas libertadas um total de 164 escolas, onde 258 professores ensinavam a 14.531 alunos. Posteriormente, os melhores alunos eram selecionados para freqüentarem os internatos do Partido, instalados nos países limítrofes, no âmbito do Instituto da Amizade. Além disso, o PAIGC, tendo em conta as exigências da reconstrução nacional e não obstante as condições da luta armada que obrigava a dedicar muitos jovens à preparação militar, cuidou, particularmente, da formação de quadros a nível médio e superior para isso, contou com apoio de países amigos, de tal maneira que durante os anos de luta um número muito maior de guineenses atingiu os cursos superiores em comparação com o período de ocupação portuguesa. Em 10 anos o PAIGC formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos". "Em 10 anos, de 1963 a 1973, foram formados os seguintes quadros do PAIGC: 36 com o curso superior, 46 com o curso técnico médio, 241 com cursos profissionais e de especialização e 174 quadros políticos e sindicais. "Em contrapartida, desde 1471 até 1961, apenas se formaram 14 guineenses com curso superior e 11 ao nível do ensino técnico". (FREIRE apud PERIRA e MOTTA, 1978, Sn).

O PAIGC deu-se passo muito significado no que tange na formação dos seus cidadãos, o que não tinha acontecido durante muitos anos com os colonizadores estiveram na Guiné-Bissau, o partido mandavam muitos alunos estudar nos exterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode perceber que artigo se trata de Amílcar Cabral: concepção educacional da Guiné-Bissau desde época que os invasores chegaram o solo guineense, do mesmo, mostra que antes do ensino guineense foi sequestrado pela igreja católica, já havia um sistema

⁷ Luiza Teotônio Pereira e Luís Motta – *Guiné Bissau – 3 anos de Independência*, Edição CIDAC-C, Coleção África em Luta, Lisboa, 1976.

educacional que pauta do ensinar de forma oral, onde o conhecimento era passado dos mais velhos para mais novos, como por exemplos: os rituais, histórias, entre outros.

Com chegada dos invasores invocando nome do Deus, tudo começou a ser diferente, eles começaram a rejeitar o sistema educativo oral e passaram a impor o deles, que está fora da nossa realidade cultural, por lado, indica que os interesses não de forma cidadão guineense, porque rejeitaram tudo aquilo que eles haviam encontrados e obrigando o ensino da cultura portuguesa: Língua portuguesa, história, geografia e também somente é permitido nas escolas, aqueles que sabem ler, escrever, comer na mesa, vestir igual a eles, que serão permitido a estuda, os optaram por essa vias, são chamados assimilados, são grupo que os portugueses consideram como civilizados.

Trouxemos também contribuição do Amílcar Cabral, onde criou escola piloto juntos aos camaradas do PAIGC, para formação dos quadros, cabo-verdiano tanto quanto guineenses, a ideia do Cabral é ensinar a nossa cultura, isso quer dizer formar novos homens, que irão dar seguimento a desenvolvimento da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Mesmo com tanta dificuldade que encontrava na lutada da libertação armada, conseguiram formar quadro mais do que os portugueses. Foram discutidos sobre ensino bilíngue no ensino guineense, visto que as maiorias dos guineenses falam mais crioulo do que qualquer língua, o viável era o ensino da língua crioulo e junto da língua estrangeira portuguesa, ao ensinar essas crianças na sua língua, ajudará redução da invasão e nem só na compreensão das matérias, na comunicação com professor, no desenvolvimento cognitivo. Entende-se que as crianças se sentem mais livre em expressar no crioulo e sentem oprimidas em falar na língua imposta, ou seja, na língua estrangeira portuguesa.

REFERÊNCIAS

BORGES, Sonia Vaz: **Amílcar Cabral**: estratégia políticas e culturais para independência da Guiné e Cabo Verde. 2008. 173 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/411>. Acesso em: 08 ago. 2019.

Cá, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos Países Africanos De Língua Oficial Portuguesa (PALOP1). **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, v.13, n.1, p. 207-224, jul./dez., 2011.

CA, Lourenço Ocuni. **Perspectiva histórica da organização do sistema educacional da Guiné-Bissau**. 2005. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação,

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em:
<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253256>. Acesso em: 08 ago. 2019.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. 2007. 475 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-05122007-151059. Acesso em: 08 ago. 2019.

COMITINI, Carlos. **Amílcar Cabral: a arma da teoria**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em progresso**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

KEBANGUILAKO, Dinis. O sistema educativo e a homogeneização cultural em Angola: que justiça social pela diversidade étnica? *In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA*, 8., 2016, Imperatriz, MA. **Anais [...]**. Campina Grande, PB: Realize, 2016. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_2393_eaa3bdf0240099d9491ffeb8d481fbae.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

LOPES, Carlos (Org.). **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

LOPES, Carlos. O legado de Amílcar Cabral face aos desafios da ética contemporânea. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL AMÍLCAR CABRAL*, 2., Praia, 2005. **Anais [...]**. Praia: Alfa Comunicações, 2005.

MENDES, Etoal. **Experiências de ensino bilíngue em Bubaque, Guiné-Bissau: línguas e saberes locais na educação escolar**. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178453>. Acesso em: 08 ago. 2019.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional**. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115896>. Acesso em: 08 ago. 2019.

NEVES, José. **Ideologia, ciência e povo em Amílcar Cabral**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, n.2, abr.-jun. 2017, p.333-347.

PEREIRA, Amílcar Araújo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos Históricos**; Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, jul./dez. 2012.

TAVARES, Fernando Jorge Pina. **Educação, Cultura E Ideologia Em Cabo Verde: Um Estudo Sobre A Exclusão Da Língua Materna Do Sistema De Ensino, No Período Pós colonial**. SÃO PAULO, FE-USP, 2004.

TCHUDA, Daniel Luis. **O ensino no período colonial na Guiné-Bissau (1879-1973)**. 2017. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de

Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017. Disponível em:
<http://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/611>. Acesso em: 08 ago. 2019.

VARELA, Bartolomeu Lopes. **A educação e a formação no pensamento e nas práxis de libertação nacional de Amílcar Cabral**: uma leitura cruzada com o testemunho de Paulo Freire. Belém, PA, 2015. 1 PDF. Disponível em:
https://bartvarela.files.wordpress.com/2015/10/a-educac3a7c3a3o-e-aformac3a7c3a3o-no-pensamento-e-na-praxis-de-amilcar-cabral_blv-6-8-2015.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

VARELA, Bartolomeu. **A educação, o conhecimento e a cultura nas práxis de libertação nacional de Amílcar Cabral**. Praia, 2011. Disponível em:
<https://bartvarela.files.wordpress.com/2012/01/a-educac3a7c3a3o-o-conhecimento-ea-cultura-na-praxis-de-libertac3a7c3a3o-de-amilcar-cabral2.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

WOODSON, Carter Godwin. **A Deseducação do Negro**. São Paulo: Medu Neter Livros, 2018. 180 páginas. 1ª Edição.